O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 42.º — N.º 2084

Sábado, 26 de Fevereiro de 1949

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

NA PASSAGEM DE MAIS UM ANIVERSÁRIO

Vimos da luta, que deixámos atraz, para registar — só registar — que o *Democrata*, ao entrar hoje no 42.º ano da sua existência, ainda se mantem, altivamente, no seu posto, afirmando que jámais se desviará do que aqui fôra escrito em 23 de Janeiro de 1926 sob o título — *Com aprumo* — e nesta altura reproduz por vir a propósito:

Republicanos da velha guarda; republicanos por educação, por índole, por espontaniedade, somos também, incontestavelmente, pelos mesmos sentimentos—patriotas. E não receamos declarar que, sem o mais leve rebuço, sobrepomos esta qualidade áquela quando de tal necessite a Pátria, porque acima de tudo e de todos a colocamos sempre.

Homens sem crenças, oportunistas apenas em seu proveito e no das suas ambições, não podem, pois, contar com o nosso apoio quando os vemos calcar tudo quanto de grande e nobre existe em Portugal, tornando-se indignos do nome de democratas.

Não é republicano quem quer. Por isso não há que estranhar a atitude deste jornal, combatendo, em defesa da nação, os desmandos, as velhacarias, as poucas vergonhas que aí se continuam a cometer à sombra da bandeira verde-rubra, sem respeito algum pelos nossos ideais.

Bandalheiras não as encobrimos.
Crimes não os protegemos.
Infracções não as toleramos.
Desta forma só os políticos honrados poderão contar connosco e mais ninguém.

1.º ANNO — Sabbado, 22 de fevereiro de 1908 — Numero 1

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

Republica e Monarchia

DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

OS REIMATAS

FAC-SIMILE DO 1.º NÚMERO DESTE JORNAL

São passados 23 anos. Quem poderá dizer que nos tivessemos desviado das fileiras onde assentámos praça como soldados rasos, prontos a servir e a obedecer, mas nunca a pactuar com o que não merece a nossa aprovação, o nosso apoio, o nosso aplauso? E porque isso foi assim, revestido de toda a pureza de intenções, que o *Democrata* apareceu há 42 anos; e porque tem sido assim neste já longo espaço de tempo decorrido que nos temos afirmado, sempre em campo contra tudo e todos que se não conduzem dentro das normas que os bons princípios impõem, lguma coisa se há passado na sua, por vezes, agitada vida, que, se por ventura nos contrariou, nem por isso nos fez arripiar caminho, desviando-nos a atenção para seguirmos outros. *O Democrata* não mudou, pois, de rumo. A República e os que a servem com dignidade não se podem queixar de nós. E Aveiro, que trazemos no coração, compartilha dos mesmos anseios em a vermos — respeitadas as suas características, que tanto a distingue das outras terras — elevar-se para continuar a atrair pelos encantos da sua ria a garanti-los atravez os séculos, se forem respeitados.

Centenário da Sebenta

—o—

Faz nos fins de Abril 50 anos—meio século!—que Coimbra assistiu a um dos mais hilariantes espectaculos postos em cêna pela Academia dessa época. Referimo-nos ao celebérrimo Centenário da Sebenta, paródia aos centenários, então muito em voga, dentre os quais se destacou o de Santo António, na capital, e que deu ensejo a evidenciarem-se os mais agudos espíritos, pondo-os em foco, da mocidade universitária.

A celebração durou alguns dias. Todas as *republicas* (habitações de estudantes) apareceram, de começo, extravagantemente engalanadas; houve sarau com hino e fado apropriados; um cortejo cívico, que meteu carros alegóricos; revista naval, no Mondego, da *esquadra* do Almirante Rato; iluminações a até foi editada uma colecção de bilhetes postais comemorativos cheia de graça e bom humor.

Deu brado o Centenário da Sebenta e não se falou noutra coisa durante muito tempo. Pois bem: que pretendemos nós com esta breve notícia do remoto acontecimento? Isto, apenas: dizer que há 20 anos se reuniram em Coimbra uns tantos académicos, figuras marcantes dos festejos, que resolveram voltar em 1949 para reviver a data que tão grata lhes era a ponto de a não esquecerem.

Porque não chamam os nossos colegas da Imprensa de Coimbra desde já a capítulo os que nessa cidade residem para atrair, por sua vez, quantos ainda pretendam matar saudades, recordando o grandioso acontecimento?

Nós lembramos e aderimos sem reservas.

Deslumbrante

E' digna de admiração a fachada do Cine-Teatro Avenida pelo destaque da sua iluminação noturna vista da travessa que lhe fica em frente.

A imponência do edifício da Avenida Dr. Lourenço Peixinho marca, portanto, um grandioso benefício que aquela artéria fica devendo à iniciativa particular, pelo que não regatearemos à Empreza os encómios a que tem jus e bem merece.

O TEMPO

Estamos no fim de Fevereiro, que antigamente era dos mais rigorosos meses do Inverno, sem que o efeito deste se tenha sentido ou sequer manifestado como era de absoluta necessidade, principalmente para a lavoura. Só uns orvalhos, de vez enquando, é pouco. Tudo se quer na sua devida altura. Porque mal vai se assim não fôr e com coisas sérias não se brinca...

Faltar, agora, a água nas terras, nos poços e até para nos lavarmos! Já lá viram?

Assembleia Nacional

Recomeçaram na quarta-feira os trabalhos, que se devem prolongar por algumas semanas, continuando a presidir o sr. dr. Albino dos Reis.

Alcalá Zamora

—o—

Acabou os seus dias no exílio, com 72 anos de idade, o primeiro presidente da 2.ª República Espanhola, que actualmente vivia na Argentina entregue ao jornalismo ao qual se dedicava desde muito novo. Era um homem modesto, cheio de virtudes e honradíssimo. Destacou-se na política como orador fluente e afirmando-se um dos maiores democratas do seu país, combateu a ditadura de Primo de Rivera, caindo, porém, depois das eleições que deram a vitória à Frente Popular e de nas Côrtes se haverem produzido os maiores tumultos, que afinal acabaram pela eclosão da guerra civil, sucedendo-lhe o generalíssimo Franco.

Curvamo-nos perante os restos mortais do simpático estadista.

Albergue de Mendicidade

Convocada pela Comissão Administrativa do Albergue de Mendicidade do Distrito de Aveiro, de que é presidente o sr. cap. Firmino da Silva, comandante da P. S. P., realizou-se no ultimo sábado de tarde uma reunião de representantes de jornais, para a qual fomos também convidados, sendo dado a conhecer a importante transformação por que vai passar aquela casa de caridade, sita na estrada de S. Bernardo, e bem assim as obras de ampliação que lhe vão ser introduzidas dentro em breve.

O melhoramento afigura-se-nos grandioso. Com a aquisição de terrenos para anexar ao que já está, o projecto do que vimos quer em alçado, quer em pormenores, e ainda com o que se pensa fazer mais—um asilo para velhos de ambos os sexos, tudo reunido no mesmo local, deve resultar uma obra de relêvo social das de maior vulto nesta terra onde existem tantos desamparados que dela necessitam. Confia a Comissão, para isso, na generosidade dos seus habitantes, que, junta aos subsídios provenientes do Govêrno e a outras receitas com que conta, lhe trazem a certeza de poder realizar os seus projectos apenas sejam aprovados em definitivo pelas instâncias superiores.

O Democrata dirá também da sua justiça logo que esteja de posse de alguns dados indispensáveis para a ampliação desta notícia sobre a matéria transmitida aos convidados pelo sr. cap. Firmino da Silva.

As grandes tragédias

Na cidade da Praia, província de Cabo Verde, deu-se na manhã de domingo o desabamento de um muro que originou 234 mortos e elevado número de feridos, alguns deles com gravidade, o que certamente terá já feito aumentar aquela cifra. Como se pode calcular, o desastre emocionou toda a ilha, levando o luto e a dôr a muitos lares, tendo acudido ao local gente dos mais remoots lugares por a catástrofe ser das maiores ali produzidas.

O Governo, ao ter conhecimento do sucedido, enviou condolências e transmitiu ordens às autoridades locais no sentido de nada faltar para o tratamento dos sobreviventes.

FROTA BACALHOEIRA

Navegam por esses mares fóra com destino à Terra Nova e Groelândia os arrastões que constituem a guarda avançada dos navios pescadores do saboroso peixe muito apreciado em Portugal, estando agora os lugres a aprontarem-se para lhes seguir na esteira.

Que a felicidade a todos dê o melhor quinhão durante a faina, recompensando o trabalho a que vão dedicar-se.

A manteiga

Para onde foi ela, não nos dirão? O distrito de Aveiro, de longe sempre (até 1939-1940) foi o maior produtor nacional, fabricando, só por ele, nada menos de 1.457 toneladas. Pois actualmente não há manteiga, desapareceu como por encanto — sumiu-se!

Só ficaram os *manteigueiros*, que cada vez são em maior número, reproduzindo-se como os coelhos...

O Carnaval

Temos como certo que não se modificará a folia entre nós, continuando a insipidez dos anos anteriores. Com a falta de alegria extinguiu-se a graça, desapareceu o espírito e deixou de se inventar muita coisa de que resultava a intriga alimentada por aqueles a quem esse divertimento servia de goso, sobrepondo-se a outros. A nós, porém, não nos faz diferença. Porque sendo do tempo das máscaras de pataco, foi-nos dado apreciar o melhor que elas encobriam, tornando-se impagáveis pela inspiração de quem as afivelava.

Agora, tarde piaste...

Se a vida se transformou num Carnaval permanente, insosso, mas de mazelas!

Orfeon Académico de Coimbra

A sua visita a Aveiro

Como dissemos numa pequena notícia do último número, colhida quase à hora da paginação do jornal, veio na terça-feira a Aveiro o Orfeon Académico de Coimbra, que realizou um sarau no Cine-Teatro Avenida sob a regência do maestro, dr. Raposo Marques.

A viagem, desde a cidade do Mondego, efectuou-se em quatro modernas e confortáveis camionetes, sendo a caravana aguardada na Praça Marquês de Pombal pelos representantes da Academia Aveirense, com a bandeira, que, em cortejo, se dirigiu aos Paços do Concelho onde foram dadas as boas vindas aos recem-chegados em nome dos quais agradeceu a recepção o sr. dr. Mário Mendes, presidente da Direcção do Orfeon.

Ao atravessarem a antiga Rua Direita, os moradores engalanaram os respectivos prédios com colgaduras de seda e damasco pendentes das janelas e sobre o cortejo foram lançadas por mãos femininas flores, muitas flores, que os estudantes agradeciam.

O sarau, que principiou às 21 horas e meia, foi assistido de grande número de espectadores, tendo, de entrada, a madrinha do Orfeon, sr.ª D. Maria Ausenda da Silva Martins Magalhães colocado na bandeira uma larga fita branca como recordação da sua passagem por esta cidade, e a aluna do Liceu, Aldina de Oliveira, ofereceu um mimoso ramo de cravos e rosas ao director do grupo coral, que, após a apresentação deste pelo sr. dr. David Cristo, se referiu em termos cativantes às provas de simpatia recebidas.

O programa, dividido em três partes, com duas pausas, iniciou-se e prosseguiu, a seguir, entre nutridos aplausos, sendo visados o Côro dos Soldados (da ópera Fausto) e a Serenata, entre calorosos aplausos.

O espectáculo terminou bastante tarde com fados, guitarradas, intermédios mais ou menos cómicos e outras variedades, que os rapazes continuarão a espalhar atravez o país como cultores da divina arte.

José de Sousa Lopes

Completaria hoje, se fosse vivo, 74 anos de idade, este nosso velho amigo e estimado aveirense.

Recordamo-lo saudosamente.

Procissão da Cinza

Realizar-se-á na próxima quarta-feira, como de costume, devendo sair da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, pelas 15 horas, para recolher próximo da noite.

E' dos cortejos religiosos de Aveiro que traz mais gente à cidade pela imponência de que se reveste e devido ao itenerário que percorre.

Assim o tempo para isso concorra.

As creches

Acabemos com elas! — exclamam alguns filólogos. E explicam que, sendo esta palavra francesa e tendo o significado de *mangedoura*, não há o direito de a aplicar nem é conveniente para designar uma simpática instituição de assistência social.

Também nos parece e com isso estamos de acordo.

Então as crianças — as nossas crianças—não serão dignas de ocupar outro lugar diferente de um curral, um estábulo, uma cocheira?

Não haverá, não se encontrará uma palavra genuinamente portuguesa capaz de substituir o vocábulo estrangeiro?

Deixamos o assunto entregue aos mestres, que são, para todos os efeitos, as pessoas mais autorizadas, ficando à espera do que fôr resolvido

A tempo e... horas

O caso, dizem, passou-se no Tribunal Judicial de Guimarães, antes do dia 13 do corrente, e é assim narrado por um colega nosso:

Decorria uma audiência em que intervinha como advogado de defesa certo bacharel democrático e como testemunha de acusação uma senhora de 80 anos. A certa altura, como esta estivesse a fazer uma acusação cerrada ao reu, o patrono, pretendendo embaraçá-la, exclama, dirigindo-se ao presidente do Tribunal:

—A testemunha não sabe o que diz. Mas não admira. Aos 80 anos já se não tem o cérebro em condições de depôr a verdade nos tribunais.

Resposta imediata da testemunha:

—Atenda V. Ex.ª, sr. dr. Juiz, no que o sr. advogado de defesa está a dizer. Eu, por ter 80 anos, não sirvo para testemunha neste tribunal e o sr. advogado, que é democrático, quer que o povo português aceite o sr. general Norton de Matos, que tem 83, como chefe do Govêrno da Nação! E' mais uma prova de *igualdade* dos democratas e o seu critério de justiça tem destes absurdos e contradições.

Só não recebeu uma salva de palmas por o lugar ser impróprio...

EXPOSIÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS

Foi visitada, domingo de manhã, no Palácio de Cristal, do Porto, por os gráficos desta cidade e alguns do distrito, que em seguida tiveram um almoço de confraternização na F. N. A. T.

Ficaram bem impressionados com o que viram.

Livros

De Lisboa ao Extremo Oriente

Em edição do autor, o nosso ilustre conterrâneo e presadíssimo amigo, dr. António do Nascimento Leitão, coronel-médico, que exerceu durante muitos anos a sua actividade na nossa possessão de Macau, recebemos um interessante volumesinho, contendo as descrições das viagens realizadas quando saiu de Portugal e que o *Jornal de Vagos* e o *Correio de Vagos*, de que era colaborador, publicaram, com geral agrado na epoca. O dr. António Leitão recorda, assim, o tempo da mocidade. E até nós, ao lêr o que nos diz da primeira viagem e do extremo oriente, sentimos uma expressão de agrado que nos apraz manifestar ao velho amigo, agradecendo-lhe a surpreza da oferta assim como as palavras de que vem acompanhada.

Os Governos da Nação e as Obras do Porto e da Barra de Aveiro

Contém apenas 16 páginas este opúsculo com que o sr. dr. António Cristo contribuiu para a propaganda da candidatura do sr. Marechal Carmona. Encerra, também, verdades como punhos e por isso felicitamos o autor pela boa hora em que foi escrito.

Penhas Douradas

Recebemos, há mezes já, este livro de contos da Beira, ofertado pelo seu autor, sr. dr. José Crespo, de Viana do Castelo, e cujas páginas se lêem com devanecimento, sempre crescente, da primeira à última. Precisavamos, por isso, dedicar-lhe algumas linhas; mas a falta de tempo para as alinhavarmos é tão escassa, que, tendo-nos chegado às mãos o número do diário brasileiro *A Tribuna*, resolvemos transcrever dele a apreciação que lhe fez Alvaro Lopes, um dos críticos literários de maior destaque no país sul-americano, que assim se expressou, dizendo tudo:

Devemos à bondade fraterna de Jaime Franco, o prazer de saborear as vigorosas páginas deste livro de contos, escritas pelo consagrado cientista e poligrafo luso, dr. José Crespo, um dos colaboradores estrangeiros desta folha. São descrições admiráveis dos sitios pitorescos da sua terra natal, servindo de moldura adquada a pequenos dramas da gente rústica, mas inclinada à ternura, que o A. conheceu intimamente.

No meio duma natureza agreste mas impregnada de beleza poética, das chamadas «Penhas Douradas», nos reconcavos da famosa Serra da Estrela, movem-se, vivem, amam, sofrem, esperam essas criaturas simples, que a retina percunciente do artista da prosa veio surpreender com seus hàbitos peculiares, sua linguagem rude, veemente, seus impetos bruscos, francos, sinceros. Algumas dessas narrativas lembram pastorais, evocam cenas duma época distante, quando deuses andavam na terra ainda não civilizada, sob o disfarce de pegureiros. E' sobretudo, a paisagem brutal, na grandiosidade do seu relêvo, telúrico, imponente, na variedade dos seus aspectos e matizes—que mais de perto impressiona o A., revelando uma adoração quási panteista, de que nos transmite o contágio incoercível.

O «Conto duma Noite de Natal», que serve de pórtico à série, encerra a história trágica de milhares de famílias portuguesas, cujos filhos forçados pela necessidade e pelo gosto da aventura, emigram para o Brasil e não mais dão notícia de si. Os velhos pais lá ficam, abandonados, esquecidos, acalentando sonhos dum futuro que não se realiza. Escoam-se meses, anos; as horas pingam, lentamente, no relógio do tempo—e o rapaz não volta.

Vão envelhecendo, na comunhão do mesmo infortúnio, no sofrimento da mesma ansiedade, os dois solitários. Até que uma noite, como presente do Natal, o filho regressa de súbito, coberto de neve, de rugas, de desilusões...

E' o melhor, a nosso ver, dos aqui reunidos—melhor do que o intitulado «Contrabandistas», prémio de novela, obtido no V Concurso Literário Ribatejano, em 1947. Sentimos naquele mais espontaneidade, na inspiração, no desenvolvimento dos episódios. No entanto, o que conquistou a primezia, tem a mesma robustez de expressão, na pintura do ambiente, como se verifica desde o começo, que transcrevemos:

«O vento Norte buzinou raivoso toda a santa noite. Era uma noite fria de Novembro, sacudido pelos uivos clamorosos da nortada. A telha vã voava para os alqueives, e o bater das janelas nas vidraças desconjuntadas, remedava na cerração os soluços desabridos do vento. Os ulmeiros, ao de-lão-dão, alongavam imploratìvamente os braços para as trevas sinistras, e os seus troncos nodosos abriam sulcos de espuma nas águas revoltas, numa tentativa inúltil de se oporem à invasão dos campos pelas levadas caudalosas.»

Nesta linguagem máscula, em tons crús, sem desmaios esbatidos, se relata a história do amor sangrento duma criatura, outrora disputada por dois homens, guarda e um contrabandista, hoje triste farrapo à margem da vida, a vogar por aldeias e campos. O A. esta presente nessa tragédia que possui violentas pinceladas da dramalhão clássico, evocando reminiscências da infância, a confecção das fornadas colectivas, travessuras de garoto, etc.

«A Morte do Montez» e «Aguia Cativa», duas breves narrativas episódicas, fazem a nossa atenção e também a nossa piedade e simpatia voltarem-se para os animais, que rodeiam os habitantes das Penhas Douradas—o cão do pastor e a águia rapace. Naquele, o animal, sente, medita, recorda-se como criatura racional, à maneira da cachorrinha «Baleia», em «Vidas Secas», de Graciliano Ramos. No segundo há uma soberba descrição da captura da águia, no alto do monte com um final vibrante e quáse épico.

No mesmo nível se colocam, pela agudeza de observação e senso psicológico, as novelas «A Cilada dos Lobos» e «Página Beirã» cujo regionalismo inconfundível, quente, colorido de «terroir», alto relevo de formas de homens, bois, lobos, nos transporta para um país estranho, ainda isento da contaminação exterilizadora da màquina, como no tempo de Sertório ou Viriato.

Na própria reconstituição do nascimento de Jesus, num estábulo de Belém, que é o conto «A Sagrada Família», o A. não fez mais do que transferir, para uma aldeia da Judeia, os tipos de lavradores com quem conviveu nos arraiais da Beira. S. José e Maria, aqui desenhados, lembram à socapa um casal de bons aldeões portugueses semelhantes aos moradores das abas das Penhas Douradas.

Há, nesta colecção de contos, um que foge á craveira dos restantes. E' o que tem a epígrafe novelesca «As Paredes do Destino», em que o A. como o fez Aquilino Ribeiro nos romances da segunda fase, desceu da montanha para se dirigir à cidade, carregando para o torvelinho cosmopolita da «urbe» moderna, duas ingénuas saloias tentadas pelo vício. Aqui nos aparecem alguns tipos de médicos, enfatuados de sabença numa sátira risonha e perversa, em que provàvelmente o A. caricaturou alguns engraçados colegas de profissão.»

PESOS E MÉDIDAS

Foi determinado, pelo Ministro da Economia, designar a letra D para servir durante o período que decorre de 1 de Maio do corrente ano a 30 de Abril de 1950 no afilamento de todos os pesos, medidas e mais instrumentos de pesar e medir executados em todos os concelhos do país, à excepção dos de Lisboa, onde a mesma letra principiará a ser empregada em 1 de Março, data em que terá início a época de aferição.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 21, a sr.ª D. Maria Emilia Andrade Rino, esposa do sr. António Massadas Rino, empregado nos caminhos de ferro; hoje, fazem, a sr.ª D. Maria da Costa e Silva Rebelo, esposa do sr. Vitor Hugo Mendes Rebelo, professor na Granja do Ulmeiro, e a menina Isaura de Pinho Gilvaz, cunhada do sr. Jaime Magalhães, ausentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); àmanhã, o estudante de engenharia Ricardo Maia dos Reis, filho do sr. José dos Reis, os srs. Leandro Nunes da Maia, mestre de obras, Agostinho dos Santos Jorge, professor em Vagos, e Oscar Vieira da Costa, ausente em Africa, e a menina Maria da Soledade Lebre do Amaral, residente em Coimbra; no dia 28, a galante Maria de Lourdes Gamelas Cardoso, filha do capitão-médico sr. dr. Vitorino Cardoso; em 2 de Março, o sr. Humberto Trindade, da importante firma Trindade, Filhos, L.ª, *e o filho Fernando, do sr. Manuel Seabra de Azevedo, negociante na capital; em 3, a sr.ª D. Rosa Malaquias da Naia e seu marido o coronel-farmacêutico sr. Francisco Marques da Naia; o estudante de engenharia, actualmente na Inglaterra, João Carlos Fernandes Aleluia, filho do industrial sr. Carlos Aleluia, das importantes* Fábricas Aleluia, *e ainda os srs. José Robalo Lisboa Júnior e Serafim de Oliveira, sargento de Infantaria, e em 4, os srs. Albano H. Pereira, dr. Ernesto Vidal, esclarecido clinico no Porto, e José dos Santos Jorge, guarda-livros naquela cidade.*

Casamentos

Na Sè Catedral teve lugar, no último sàbado, o consórcio da interessante Alice da Silva Pinto, filha do sr. João Maria de Pinho, com o nóvel clinico dr. Fernando Seiça Neves, filho do sr. dr. Manuel das Neves, advogado na comarca.

Assistiu grande número de convidados, tendo paraninfado, por parte da noiva, seu pai e a sr.ª D. Maria do Rosàrio Branco Neves, e pelo noivo, seu tio o sr. João das Neves, chefe da secretaria da Câmara de Guimarães, e a sr.ª D. Ana Pinho, mãe da noiva.

O copo de água, *servido após a cerimónia, honrou a* Pastelaria Estrela Ilhavense, *que o forneceu, tendo-se, no final, levantado brindes, enaltecendo os predicados dos conjuges, que foram muito saudados.*

O ditoso par, que recebeu muitas e variadas prendas, seguiu, no mesmo dia, em viagem de núpcias, com destino ao Minho, muito estimando nós que lhe esteja reservado um futuro perene de venturas.

—Na mesma igreja efectuou-se, domingo, o enlace da sr.ª D. Maria Emilia Vieira de Carvalho, estremosa filha da sr.ª D. Tereza de Jesus Vieira da Costa, com o sr. Manuel Joaquim Pires, estabelecido com ourivesaria na cidade da Guarda.

A cerimónia, que teve um caràcter muito intimo, foi apadrinhada, por parte da noiva, por sua mãe e tio o sr. Manuel Fernandes Vieira Baptista, e pelo noivo, pelo sr. José Martins Pires, proprietário em Bustos e esposa.

A noiva, que hà muito reside nesta cidade, alia à sua esmerada educação sentimentos e predicados morais que muito a enobrecem; e o noivo, que è natural da Bairrada, pertence a uma familia assàs considerada.

Por tudo é de prever que a felicidade sorria aos recem-casados, que, depois dum almoço que lhes foi servido e aos convidados, seguiram para a Guarda onde fixaram residência.

São esses os nossos melhores desejos.

—Na capela das Barrocas também se efectuou, no mesmo dia, o casamento da menina Estrela Ventura Gamelas, dilecta filha do sr. João Ferreira Gamelas, activo negociante, com o sr. Ulisses da Naia, filho do sr. Luis da Naiae Silva, ambos empregados na Capitania do porto.

Assistiram muitos convidados, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Marques Figueiredo e marido o sr. Luis Figueiredo, residentes em Lisboa; e pelo noivo seu pai e a sr.ª D. Maria do Céu da Naia Santos.

Depois da cerimónia foi servido um abundante copo de água, *tendo os nubentes, a quem foram oferecidas valiosas prendas, seguindo, no mesmo dia para o Porto, onde passaram a lua de mel.*

Desejamos-lhes um futuro venturoso.

Doentes

Experimentou esta semana ligeiras melhoras o sr. António Dias da Conceição, da Mercantil Aveirense, L.ª. *Estimamos.*

A defesa das aves pelas Casas do Povo

Vem aí a Primavera. E' o pleno desabrochar da Natureza, a chegada das flôres, dos dias bonitos—a chegada da esperança. Eis a ocasião mais oportuna para meditarmos sèriamente sobre o tema *defesa das aves*. Em nenhum outro período do ano como na Primavera, as aves se encontram mais expostas a toda a espécie de perigos. E' o assalto aos ninhos, pela rapaziada, depois da esscola. E' a caça desenfreada, desporto nocivo quando não se olha a que espécie de pássaros se atira. E' a funga, a armadilha, a pedrada. E', enfim, uma guerra sem quartel, que tem como inevitável consequência, a diminuição das espécies avícolas em Portugal.

E no entanto, quantas vezes o ataque às aves tem feitos prejudiciais para o próprio homem?! A utilidade, por exemplo, das aves insectívoras na protecção das árvores e de certas culturas, é um facto inegável. Massacrá-las, exterminá-las, já nem sequer é uma estupidês, por ser um crime. Ficam as árvores sem defesa contra os insectos nocivos, e a sua produtividade diminui necessàriamente. Na realidade, as aves são tão úteis às árvores, como as próprias folhas.

Chega à nossa Redacção a notícia de que todas estas verdades estão sendo explicadas nas «Sessões de leitura» de algumas Casas do Povo. Eis uma iniciativa que não hesitamos em aplaudir. Que os trabalhadores rurais tenham encontrado, finalmente, os centros de cultura popular e educação social que lhes faltavam, é motivo de agrado para nós, que vimos pugnando pela educação das classes trabalhadoras. As «Sessões de leitura» nas Casas do Povo realizadas em semelhantes moldes, encaminhando os seus sócios, desviando-os de certos hábitos prejudiciais a êles próprios, incutindo-lhes princípios formadores de uma personalidade mais solidária com a dignificação espiritual e o bem estar comum da freguesia, constituem, a par com as bibliotecas, os Cursos de Artesanato, os Museus Rurais ou os programas radiofónicos especiais, um grande passo em frente na resolução de alguns dos grandes problemas colectivos que vinham afligindo o povo português até não há muitos anos.

Para as Casas do Povo que nobremente souberam cumprir a sua tão transcendente missão, vai o sincero aplauso do nosso jornal.

Companhia Aveirense de Moagens

S. A. R. L.

Aveiro

ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos dos art.ºs 32.º e 33.º dos nossos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária dos accionistas, para reunir no dia 19 de Março, pelas 15 horas, no escritório do Companhia, sendo a ordem dos trabalhos a seguinte:

1.º—Discutir, aprovar ou modificar o relatório do Conselho de Administração e paracer do Conselho Fiscal, relativamente à gerência finda em 31 de Dezembro de 1948.

2.º—Tratar de qualquer assunto de interesse social.

Aveiro, 19 de Fevereiro de 1949

O Presidente da Assembleia Geral,

a)—JOSÈ PEREIRA TAVARES

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na màquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

O DEMOCRATA devido ao escol de assinantes que possue, à sua expansão e ao interesse com que é recebido todas as semanas pelos seus numerosos leitores, chama-lhes a atenção para os anuncios que publica e fazem parte integrante do valor adquirido como jornal dos mais preferidos no nosso meio e adjacências.

Agradecimento

A mãe e irmão da falecida aluna do Liceu, Severina Ferreira do Amaral Campos, não o podendo fazer pessoalmente, reconhecidos agradecem por esta forma às pessoas que na doença se interessaram pelo seu estado e após o desenlace a acompanharam à última morada.

A todos manifestam a sua gratidão.

Aveiro, 22 de Fevereiro de 1949.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
5,55 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	9,19 (rápido) [1]
8,05 (tram.)	11,13 (tram.)
12,56 (rápido)	12,18 (correio)
13,06 (tram.)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,50 (mixto)
20,39 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 19,03 e 21,07 que não seguem.
22,59 (rápido) [1]	

(1) Só se efectuam às terças, quintas-feiras e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	7,31
15,15	10,48
17,38	19,12
20	23

« O Democrata »

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

NECROLOGIA

Desde a penúltima sexta-feira que não pertence ao número dos vivos o sr. Manuel Fernandes Lopes, que agora contava 73 anos e que há perto de cincoenta veio para esta cidade como empregado da antiga *Ourivesaria Alberto Chaves*, que teve as suas instalações na Rua Direita. Ali se conservou algum tempo para mais tarde possuir um estabelecimento do mesmo género, que dirigiu por bastantes anos, no Largo 14 de Julho e que ainda hoje existe.

Acabou os seus dias no Hospital, depois de andar por essas ruas algo acabrunhado, devido a uma profunda neurastenia o tornar inconsciente e misantropo a ponto de meter dó áqueles que, como nós, o conheceram vigoroso e com qualidades de trabalho.

No meio associativo também se evidênciou, pois além de pertencer ao número dos sócios fundadores do *Club dos Galitos*, fez parte doutras agremiações e foi elemento de preponderância da extinta Escola Musical José Estevão.

O acreditado ourives, que tem ainda a mãe viva, quási centenária, era viúvo, natural de Soure e o seu cadáver foi a enterrar no cemitério central.

Que descanse agora em paz.

* * *

Faleceram mais: na *Quinta do Picado*, Conceição Vaz Melão, de 17 anos, filha de António da Cruz Maia Melão; em *S. Bernardo*, Rosa Joaquina de Jesus, de 71, casada com Domingos da Maia Gafanhão, e no *Bonsucesso*, Rosa de Jesus Andril, viúva, de 79.

Correspondências

Costa do Valado, 24

Deu à luz uma criança do sexo masculino a esposa do sr. Manuel Nunes Génio Júnior (Canão).

Os nossos parabéns.

—No Hospital da Mirericórdia de Aveiro foi operada na terça-feira de manhã, a sr.ª D. Francisca Garrido da Costa Alvarenga, espasa do nosso amigo Nuno Alvarenga.

A operação que consistiu na extracção de calculos biliares foi feita pelo abalisado cirurgião de Coimbra, sr. dr. Bissaia Barreto, auxiliado pelos médicos srs. drs. Alberto Machado e Carlos Vidal, decorreu o melhor possível.

Estimamos que a doente depressa se restabeleça.

—Chegou à sua casa de S. Bento, o sr. Francisco António Cardeal.

C.

Comarca de Aveiro

2.º TRIBUNAL

Éditos de 20 dias

(2.ª publicação)

Pelo 2.º Tribunal da comarca de Aveiro, primeira secção, e nos autos de execução sumária de letra em que é exequente a sociedade *Silva, Gomes & C.ª, Limitada*, com sede nesta cidade e é executado António Martins Gomes, casado, comerciante, desta cidade, correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos, para, dentro de dez dias, decorrido o prazo dos éditos, virem deduzirem os seus direitos nos mencionados autos de execução sumária de letra, querendo.

Aveiro, 21 de Janeiro de 1949.

Verifiquei,

O Juiz de Direito do 2.º Tribunal,

António Gorjão

O chefe da 1.ª Secção,

António Augusto dos Santos Vitor